

DO ESPELHO

Flusser, V., *Ficções Filosóficas*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. Páginas 67-71.

Todo aquele que reflete está interessado no espelho. O espelho é por definição, um instrumento que reflete, que especula (de *speculum* = espelho). São Paulo diz que as criaturas são espelhos que refletem Deus. O empirismo iluminista concebe o intelecto como espelho da natureza. O criticismo de Kant é uma revolta contra o espelho e condena o conhecimento especulativo. Para Hegel é o fluxo da realidade um contínuo espelhar de espelhos contrapostos em ângulos, e a dialética é o pensamento especulativo. Finalmente, Wittgenstein concebe a língua e a realidade como dois espelhos pendurados em paredes opostas num quarto vazio. Podemos enfocar, se quisermos, toda a história do pensamento do ponto de vista do espelho. Não seria, creio, um ponto de vista desinteressante. Mas o propósito do presente artigo é outro. Nutre a convicção de que o interesse pelo espelho tem atualmente uma estrutura diferente. Não estamos mais tão interessados na face reflexiva do espelho. O nosso interesse está na outra face, naquela que está coberta pelo nitrato de prata. Estamos invertendo espelhos. Este é um dos característicos da atualidade: espelhos invertidos. E espelhos invertidos serão o tema desse artigo.

A reflexão do espelho é consequência do nitrato de prata. Não existisse, e o espelho seria transparente. Seria janela. E a janela é, como sabemos, outro problema. Não menos apaixonante. Fala-se muito em abrir janelas e pouco em fechá-las. Mau sinal, creio porque a janela é algo que pode ser fechado: não é buraco. Mas isto é, como disse, outro problema. O espelho não é janela por causa do nitrato de prata. Reflete. É verdade que a maneira como reflete é consequência da forma do vidro. Vidro plano espelha de forma diferente de vidro côncavo ou convexo. Antigamente, naqueles tempos bons que sabiam tanto a respeito daquilo que se espelha no espelho, costumava – se dizer que espelhos côncavos ou convexos distorciam o espelhado. Espelhos planos e lisos eram tidos por fiéis, isto é, verdadeiros. Nós que ignoramos tudo a respeito daquilo que se espelha, admitimos, um tanto desesperados, a equivalência de todas as formas de reflexão como captações de algo. Não sabemos mais o que seja fidelidade ou verdade. Sabemos, isto sim, que o engagement dos nossos antepassados em prol de espelhos planos e lisos é consequência de preconceitos cartesianos. Por não sabermos distinguir entre as várias formas de reflexão, estamos perdendo o interesse pela forma do vidro. Concentramos o nosso interesse no nitrato de prata.

Antes de tirarmos o espelho da parede para virá-lo, lancemos um último olhar furtivo. Para ver quem é que vai virar o espelho. Não é esta função do espelho? Mostrar quem sou, aqui, agora? Permitir que ajuste a máscara mais perfeitamente? Ou, em ocasiões mais raras e extremas, permitir que tire a máscara e contemple o que está por detrás dela? Pois o nosso olhar furtivo no espelho mostra a seguinte imagem: a máscara sorridente de quem sabe virar espelhos. A máscara está um pouco solta. Ajustemo-la rapidamente e viremos.

A massa cinzenta do nitrato de prata é totalmente opaca. Ao contemplá-la não vejo lá muita coisa. Para dizer a verdade: não vejo nada. Por que estou interessado nesse nada extremamente chato que vejo? Porque sei ser ele o responsável pelas reflexões que se dão na outra face. Não é para dar calafrios? Então as criaturas refletem Deus por causa desse nada chato? O intelecto reflete a natureza porque, no fundo, é nada? A realidade histórica avança dialeticamente tendo isto por fundamento? A descoberta que acabamos de fazer é chã e rotineira:

sempre soubéramos do lado avesso do espelho. Mas se for feita num clima existencial, se for, como se diz, vivenciada, é uma descoberta arrasadora. Analisemos os seus efeitos.

O espelho é um ser em oposição. E é como tal que funciona. É um ser que assumiu uma posição que é oposição: uma posição negativa. É um ser que nega. É por isto que reflete. Não permite que aquilo que sobre ele incide passe por ele. Refletir é negar, e isto é a sua estrutura. Não pode haver uma reflexão positiva. As respostas que o espelho articula são todas negativas. São inversões das perguntas que o demandam. As equações da ótica confirmaram esta afirmativa. E também o confirmarão as análises do pensamento reflexivo. Diz essa análise que todas as sentenças do pensamento podem ser reduzidas à negação formalmente. Não deve portanto surpreender que o fundamento do espelho seja o nada, essa fonte de toda negação possível. O espelho é um ser em oposição justamente porque o seu fundo é o nada do nitrato de prata.

O homem enquanto ser que reflete é um ser oposição, em posição negativa. É isto que o distingue de todos os demais seres que nos cercam. É um ser que não permite que aquilo que sobre ele incide (as coisas que nos cercam) passe por ele. Formula sentenças que negam. Esta é a resposta que articula contra o mundo que o cerca. E pode fazê-lo graças ao nada que o fundamenta. O homem é um ser fundamentado pelo nada. O nada é o nitrato de prata que faz do homem o que ele é: espelho.

Essa descoberta é, como disse, chã e rotineira. Basta virar o espelho para fazê-lo. Sabemos, no entanto, que toda descoberta desse tipo é angustiante. O responsável principal é Descartes com sua dúvida insincera. Diz – nos Descartes que tomou a decisão existencial de duvidar radicalmente de tudo. Diz que quem não duvidou de tudo, pelo menos uma vez na vida, nunca viveu. W, dito isto, freia a sua dúvida ao alcançar a face do espelho. O ponto indubitável seria o pensamento. Portanto, a reflexão na superfície do espelho. O espelhado, este sim, pode e deve ser duvidado. Com efeito: este duvidar metódico é a história da Idade Moderna, uma história que se confunde com o progresso das ciências da natureza. Mas o espelhar não pode ser duvidado. Fundamenta tudo. No fundo, o que Descartes nos diz é que o espelho que somos não pode ser virado. E convence por uma razão muito simples: a contemplação da reflexiva oferece um espetáculo variado e apaixonante. A contemplação da outra face é chata. Mas atualmente estamos começando a chatear – nos com o espetáculo variado. Deixou de apaixonar – nos. Começamos a duvidar do indubitável cartesiano. Viramos o espelho.

Como virar o espelho, com duvidar do indubitável? Acaso Descartes não prova por A mais B, que a dúvida, por ser pensamento, confirma o pensamento? Devemos sair do círculo vicioso cartesiano. Do círculo que a vicia a Idade Moderna toda. Tomada esta decisão, torna-se óbvio que a dúvida contra o pensamento é perfeitamente possível. Com efeito: há muitos métodos que a tornam possível. Um deles é a análise estrutural do pensamento. Essa análise mostra formalmente que todo pensamento parte de uma tautologia. Tautologia é um nome elegante que se dá a algo que é um não – pensamento. A sentença “chove ou não chove” é uma tautologia. Não é um pensamento. É uma sentença que não diz nada. É, falando estritamente, nada. Se todo pensamento parte de tautologias, todo pensamento brota do nada. A tautologia é o nitrato de prata do pensamento. O espelho está virado.

Um outro método seria uma espécie de fenomenologia. Um método que permita ao pensamento que mostre como surge. Pois esse método desvenda a origem poética do pensamento.

Poesia é o nome elegante que se dá a sentenças originais que se protejam do nada. Aparecem onde não havia nada. A descoberta de que todo pensamento tem origem poética e de

que os poetas são os criadores do pensamento ex – nihilo é uma descoberta do nada fundante. Os poetas que sabem disto, e entre nós são bem representados pelos poetas concretos, aplicam metodicamente essa descoberta. A poesia é o nitrato de prata do pensamento. O espelho está virado.

Há outros métodos de virar o espelho, embora pouco aplicados no Ocidente. Um deles é a meditação disciplinada. Num tipo de meditação (no tipo hindu, os pensamentos são destruídos sistematicamente pela vontade e revelam o seu nada fundante. Em outro tipo de meditação (no tipo budista), os pensamentos são destruídos pela supressão da vontade e revelam igualmente o seu nada fundante. E há outras possibilidades. Por todas elas podemos virar o espelho que somos.

Pois bem: está virado o espelho. Descobrimos (ou redescobrimos) o nada que nos fundamenta enquanto seres que refletem. Descobrimos aquilo que a Idade Moderna encobriu com conversa fiada. E daí? Esta pergunta marca a atualidade. A resposta depende do tom pelo qual pronunciamos a pergunta. Se perguntamos: “E daí ?” como quem dá os ombros, a resposta será a da indiferença. Grande parte da humanidade está dando esta resposta. Se perguntamos : “E daí ?” como quem procura caminho, a resposta será uma série de novas perguntas. Os orientais, que contemplam a outra face do espelho há milhares de anos, parecem recomendar o abandono da oposição que somos. Parecem dizer que, dado o nitrato de prata, é melhor deixar de ser espelho. Abandono da oposição: união mística, portanto. Mas esta recomendação não é viável para nós, herdeiros do humanismo. Devemos procurar outros caminhos a partir do “e daí?” que é o espelho virado. Existem. A nova arte o prova. Correm todos, creio, na região que se estende a partir da outra face do espelho. Isto nos distingue dos nossos antepassados. Estamos interessados na região atrás do espelho. Conosco começa uma época nova. A dos espelhos virados.